

PARTIDO INAUGURAL

CARLOS ALBERTO MENEZES DIREITO*

*Advogado, professor universitário e
membro do Conselho Estadual de Cultura*

O jornalista Vilas-Boas Corrêa, analista respeitado do nosso existir político contemporâneo, em artigo publicado no Jornal do Brasil, edição de sete do corrente, formulou diversas observações para lastrear a fragilidade do PMDB. O cenário que apresentou não deve, no meu modesto entender, passar sem reparos. Estes, na verdade, não pretendem corrigir visão personalíssima do arguto articulista, mas, apenas, levar ao leitor do Jornal do Brasil, órgão de imprensa que tem desempenhado relevante papel na construção democrática do Brasil, uma outra compreensão dos fatos e atos em pleno curso.

O pós-novembro de 1982, efetivamente um marco importante no recomeço democrático do Brasil, parece indicar que os muitos olhos dos protagonistas de nossa vida política voltam-se para o PMDB, com o firme propósito de centrar neste partido as mais rigorosas críticas. Mas, o intento não terá glória, tal qual a lendária guerra dos Sete contra Tebas, na qual Etéocles matou seu irmão Polinices. Vejamos porque.

O velho BURKE já dizia que "o partido é um grupo de homens unidos para a promoção pelo seu esforço conjunto, do interesse nacional, com base em algum princípio com o qual todos concordam". Exclusivamente sob o manto de tão larga definição é que podemos estudar o quadro partidário brasileiro.

Não é de hoje que a nossa vivência política é feita em partidos sem nítida natureza doutrinária e ideológica. Salvo exceções de muito pequena expressão política, não conhecemos canais institucionalizados formais de participação e representação que tenham clareza e minudência

no plano das idéias. Todos os que integraram a nossa história - só alguns poucos com razoável duração - caracterizaram-se muito mais pela reunião de pessoas ligadas umas às outras por convicções relativas ao tempo vivido, e, portanto, direcionadas para o agir imediato, do que por um pensar global da sociedade. É possível que tenha sido assim em função da falta de maturidade do corpo político. Mas, é muito provável que tenha sido assim pela falta de perspectiva dos atores no que concerne a sua particular visão da sociedade. Os partidos foram constituídos, na maioria das vezes, considerando fatos determinados de um dado momento histórico, os quais ou eram interesses meramente eventuais, ou, na pior das hipóteses, eram interesses transitórios diante do poder vigente. Os raros exemplos de partidos ideológicos na história brasileira, sobre confirmarem a regra, revelaram incapacidade de alcançar níveis satisfatórios de mobilização e participação.

Essa constatação não diminui em nada a essencialidade dos partidos na nossa vida política. E não diminui porque eles, de uma forma ou outra, com maior ou menor clareza, sempre compuseram a ambiência democrática, interpretando pela voz de seus líderes mais destacados, o amplo espectro da sociedade brasileira. Note-se que para os nossos costumes políticos o fato dos atores fazerem os partidos, e não vice-versa, não é insólito. Sempre contou mais a eminência carismática do líder, do que a força própria do partido. E o engajamento dos líderes, definindo-se diante de questões concretas da realidade nacional ou internacional é fonte inesgotável de atração dos adeptos. O programa do partido, em certo aspecto, não tem o condão de excitar militantes. É a sua explicitação perante cada fato objetivo que estimula adesões, espraiando os quadros.

É evidente que os partidos brasileiros jamais foram monolíticos. E não foram, além das razões de ordem teórica (é bom ler as lições de GIOVANNI SARTORI, in "Partidos e Sistemas Partidários", cap. IV), porque as especialíssimas circunstâncias de países sem tradição política, como o nosso, desautoriza melhor nível de limpidez doutrinária

ou ideológica capaz de impor uma consciência uniforme e disciplina no seu interior. Vale assinalar que mesmo aqueles partidos marcadamente ideológicos, como o socialista e o comunista, não conseguem manter-se indenes, sofrendo amiudados movimentos de cissiparidade, ou padecendo de expurgos, conforme cada caso.

Na carta que militantes do PMDB remeteram ao Jornal do Brasil, publicada na edição de quatro do corrente, está bem dito que "os partidos nas sociedades de massa são, em muitos sentidos, uma frente, na medida em que se mostram abertos para as complexas diversidades das estruturas sociais modernas. Mas não perdem o seu caráter de partido, na medida em que são capazes de apresentar ao país alternativas concretas face aos grandes problemas nacionais. A compatibilização entre as diversas tendências é sempre possível quando as lideranças internas, interpretando os valores e objetivos comuns a todos os companheiros do partido, incentivam e promovem a negociação entre os diferentes pontos de vista".

O PMDB, partido aberto e democrático, tem já uma história rica de exemplos para o porvir partidário do Brasil. Nele se concentraram as mais significativas e vitoriosas lideranças coetâneas, amalgamadas pela pregação da liberdade e da justiça social, pela consolidação, enfim, do Estado de Direito não como conceito formal, mas como substância da nação brasileira.

Olhada a nossa evolução mais recente, no prisma da edificação das nossas instituições políticas, não há como desconhecer o desempenho eficaz do PMDB. E não se diga que foi uma presença ectópica ou voltívola. O maior dentre os partidos de oposição, no seu berço original, representou uma cidadela valiosa para o nosso retorno ao leito democrático. E cumpriu essa missão patriótica com impecável compostura. Afastando qualquer posicionamento intolerante, ou radical, o PMDB balizou com objetividade e sobrançeria, os seus precisos desígnios,

operando intemorato, com pleno consenso entre os seus membros, expresso na sua coerente ação política. Foi essa unidade que permitiu ao PMDB interpretar competentemente as aspirações nacionais, assegurando-lhe a legitimidade de sucessivas vitórias eleitorais.

Em novembro de 1982, o acesso ao poder em nove Estados, e a eleição de expressiva representação legislativa em todos os níveis da federação, reafirmou a influência do PMDB na construção do nosso destino nacional. Mas, ao mesmo tempo, tendo mudado o país pelo fato eleitoral, o PMDB, necessariamente, teria de realinhar taticamente os seus objetivos programáticos. E na esteira desse realinhamento, os seus militantes, dos mais modestos aos mais notáveis, não pouparam de uso o seu manancial criativo de propostas. Nesse forçoso contexto é que deve ser compreendida a discussão, até mesmo acalorada, sobre as possíveis trilhas da atuação partidária. Lembrando THOMAS JEFFERSON em carta a JAMES MADISON, anote-se que uma pequena rebelião agora é uma boa coisa. É a partir daí que o PMDB reforçará a sua vitalidade, ampliará a sua perspectiva política e avaliará corretamente a sua ação, tendo presente que já agora detém ponderável parcela de poder. Não se trata, pois, de imobilismo, ou de falta de espaço. Só olhando de viés, sem profundidade, é que se poderia depreciar o dinamismo haurido nessa atmosfera democrática. O que o PMDB está fazendo nesta quadra, é articular-se como partido inaugural, para tomar de empréstimo a expressão de Artur da Távola, sentindo o novo tempo do Brasil democrático, preparando-se para seguir a sua jornada repleta de esperanças.

Assim, não é justo, nem razoável, dizer que o envolvimento do PMDB na campanha das eleições diretas para Presidente da República seja para "sacudir a pasmaceira do partido". E não é porque, assim como a anistia, a revogação dos atos institucionais, as eleições diretas para governadores, enfim, a mobilização para a volta do Estado de Direito, compõe o programa do partido, e resta por atingir, esbarrando na intransigência do governo. E não está nele contido o dever do partido

indicar já agora quem poderá vir a ser o seu candidato. E, ainda, fazer a campanha não significa interromper o debate das alternativas várias apresentadas por suas lideranças, nem, muito menos, que tais alternativas sejam fonte de insanável dissenso. Elas são o melhor desenho de um partido de quadros sérios, competentes e aptos para o exercício do governo indicam o vigor da democracia partidária, seguindo a sábia lição de FILIPPO BURZIO: "as elites não-democráticas se impõem, enquanto as elites democráticas se propõem".

Um partido que não confia na sua unidade, que não acredita nas suas bases, não faz, como o PMDB fez, convenções municipais amplamente representativas e, o que é melhor, com resultados reveladores da sensibilidade de suas lideranças. Conflita, portanto, com a realidade dizer que "o PMDB é como uma bola de espuma. Se for tocado arrebenta". Na da toca mais um partido do que o chamamento de suas bases municipais, abrindo o roteiro das eleições interpartidárias.

A sociedade brasileira há de achar estranha essa pesada carga, com tão inusitadas exigências, lançada sobre os ombros do PMDB. Este partido e, mais que qualquer outro, destinado a ser a opção democrática do poder. E é, porque estuário das múltiplas identidades espalhadas na nossa sociedade. E, ainda, porque representa um perfil eqüidistante das extremas polarizadas. O PMDB é o partido do homem médio brasileiro, que se encontra em todos os segmentos sociais, interpretando suas aflições, angústias, esperanças.

Não há um indicador sequer que, neste momento, permita vislumbrar a inviabilidade, ou a implosão do PMDB. Um partido que possui lideranças históricas das lutas pela liberdade, não pode merecer análises fatalizando a sua fraqueza, ou o seu desaparecimento. Para análises assim apressadas vale a sentença de DISRAELI: o tempo é o grande médico.